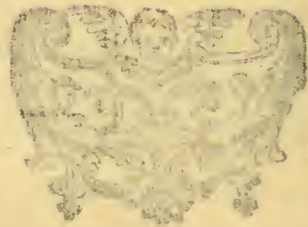
A' SENTIDISSIMA MORTE
DO
SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE
DO BRAZIL.
EPICEDIO.

AUTHOR,
MIGUEL MAURICIO RAMALHO.

LISBOA
Na Officina dos Herdeiros de Domingos Goncalves.
ANNO M. DCC. LXXXVIII.
Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

EPICEDIO.

I.

DEclinava Titaõ para o Oceano
De ſombras encobrindo o claro vulto;
Como quem no preſagio de algum damno
Fugia, por naõ ver tam grave inſulto:
Na magoa ſuffocado deſte arcano
Caminhava veloz por ver-ſe oculto;
Bramia omar, ſoprava rijo ovento,
Conſternados ſignaes do ſeu lamento.

II.

Aſſuſtada nos braços Thetis fria
Eſpera recebello em ſeus deſmayos;
Que no pallido roſto, e triſte via
Nuvem negra eclipſar ſeus bellos rayos:
Indeciza na mente revolvia
Serem de grande dôr mortaes enſayos;
E querendo-lhe dar amante obraço,
Mortal cahio ſem luz em ſeu regaço.

III.

Logo Thetis banhada de candores
Vendo aterra ſentir membro conjunto ;
As eſtrellas ſem luz , mortas as flores ;
Todo o Ceo enlutado , o Sol deſunto :
Ah ! exclama ſentida , eſtes horrores
Saõ de grande pezar fiel aſſumpto ;
Algum fado cruel de ſer naõ deixa ,
Que tanto aterra geme ; o Ceo ſe queixa.

IV.

De ſeu cuidado as Tagides aviza ;
Que á ſua voz correraõ cuidadozas ;
E em ſeus ſemblantes logo a dor diviza ;
Mudada em roxo Lirio a côr das rozas :
Que mal , Ninfas , lhes diz , vos martiriza ,
Que tam triſtes vos vejo , tam chorozas ,
Os cabellos trazendo ſem alinho ,
Trocando em negro veo obranco arminho ?

V.

Hum grande mal , ó Deoſa ! nos conſterna ,
Cauza detanta magoa , reſponderaõ ;
De indole ſingular compaixaõ terna
O Principe morreo : mais naõ diceraõ :
Porque a voz embargando a dôr interna
Como eſtatuas ſuſpenſas ſe pozeraõ ;
Olhos fictos no Ceo com triſte eſpanto
Só ſe ouviaõ fallar rios depranto.

VI.

De ouvillas Thetis ſe enche de amargura;
Triſtes lagrimas vendo, as ſuas chama;
Penetrada de dôr, de magoa dura
Com amargos gemidos aſſim clama:
Que triſte ſorte! que infeliz ventura!
Sobre Eliſia que dôr ſenaõ derrama!
E na magoa, que toda a alma lhe o-fuſca,
As Tagides deixou, os mares buſca.

VII.

Penetra as portas do Palacio auguſto;
Em que o Nume rezide do Tridente;
E em columnas de porfido robuſto
Se ſuſtenta ſeu trono tranſparente:
Apenas entra lhe deſperta o ſuſto,
Da Deoza o roſto lendo, o mal que ſente;
Pois de puro criſtal na regia ſalla
Com preludio de pranto aſſim lhe falla:

VIII.

Saturnio Nume ſacra Divindade,
Cujo grande poder ao mundo abarca;
Dos Principes a flor na flor daidade,
Da vida deſpojou a cruel Parca;
Doce Principe cheyo de bondade,
Que o Ceo naõ quiz chegaſſe a ſer Monarca;
Na Conſtante razaõ, que pia a bono,
Pare trono gozar mais que eſte trono.

IX.

Com que rogos ao Ceo ſenaõ pedia
Do Reino a Succeſſaõ ; ſeus Pais devotos
A' Nume ſuperior , que fez o dia ;
Com mil ancias rogavaõ , com mil Votos :
Naſce em fim ; toda a Corte de alegria
Se veſtio , ſeus confins os mais remotos ;
Que o Ceo naõ falta , e vio campo d'Ourique ;
A' promeſſa , que ao Filho fez d'Henrique.

X.

Creſce em annos , de muitos ſendo digno ;
Em virtudes tambem moraes , e pias ,
De tantas o dotou o Ceo benigno ,
Que as podia contar pellos ſeus dias :
Entre tantas que vi , ſó huma aſigno ;
(Perdoai ſer ſó huma , ó cinſas frias !)
Lizonja a naõ julgueis , que naõ he falſa ,
Que em annos pueriz muito realſa.

XI.

Era no tempo , em que a eſtaçaõ violenta
Com a eſpada de Orion fere mais forte ;
E com fero rigor que a força aumenta ,
Sopra vento brumal , rigido Norte :
Boreas enfurecido na tormenta
Deſpede em cada ſopro hum duro corte ;
Dos viventes algoz ſemanifeſta ,
Gelar a lympha faz , as plantas creſta.

Acha-

XII.

Achava-ſe hum Soldado em Sentinella,
A' porta de Palacio, e contra o frio
A's maõs calor chamava, que ennóvela;
Com halitos, que entaõ feria impio:
O Principe chegou niſto á janella,
E vendo-o tiritar, d'um Real brio
Dotado, e com paixaõ, de que ſempre era;
Coitadinho! tens frio? diſ-lhe, eſpera.

XIII.

Ao Pay corre a preſſado, humilde pede
Dinheiro para dar; que naõ lhenega;
Pois já ſuas acções com goſto mede;
ſua meſma vontade á delle entrega:
Depratas (que o tirar até lheçede)
Abrindo a bolſa o Pay, na maior pega;
Vindo de alegre roſto com vóz grata
Ao Soldado diz, toma, o frio mata.

XIV.

Mil heroicas virtudes exercita;
Exemplos de ternura muitos dava;
Eſtimulos da dor, que de infinita
Hoje atriſte lembrança n'alma grava:
Mas o Ceo que eſte ardor ſabio medita;
Que na terra entre prîgos ſoſobrava;
Como ſempre as virtudes muito zela,
Quiz roubar para ſi mais huma eſtrella.

Cho-

XV.

Chora Elisia, e no seu funesto ensayo
Detal sorte chorar triste se ouvia;
Que a naõ ficar alento em seu desmayo,
Entre os braços da magoa morreria;
Eu mesma a ouvi gemer: florente Mayo
Quem Dezembro te fez murcho? dizia:
Ay Septempbro infeliz! feliz Agosto!
Que hum me canzou prazer; outro digosto.

XVI.

Ay amavel objecto! quem dicera;
Espelho, em que eu revia a formozura;
Que na idade melhor da prima vera
Demim roubarte havia a sorte dura?
Deixa que o sangue corra, que a alma gera;
Que assim deve chorar minha amargura;
Como as ondas, que correm do mar largo,
Assim deve Correr meu pranto amargo.

XVI.

Meu terno Coraçaõ desfeito todo
Em lagrimas seveja; convertida
Amesma alma no pranto; detal modo
Que pareça esse pranto d'alma a vida:
No pensamento mil imagens rodo
Detristeza, em que a dôr cresce sentida;
Meu pranto cresca, vejaõ de meu peito
Sahir o coraçaõ nelle desfeito.

XVIII.

Aterna condiçaõ, que em si encerra,
Transferir heide em mim da fonte clara,
Alma da penha, Coraçaõ da serra,
Que sempre está correndo, e nunca pára:
Toda lagrimas eu, que inunde a terra;
D outro Principe bello amante chara;
Com muita mais razaõ, maior materia,
Elisia seja triste a triste Egeria.

XIX.

Ay Narcizo do meu amor encanto:
Imagem singular do meu agrado;
Que com pena cruel, com mudo espanto
Aos meos olhos tevejo em flor cortado!
Ay que outra Eco serei! em grave pranto
Mil queixas proferindo contra o fado;
Saudoza na magoa entre os retiros
De alentos falta, viva nos suspiros.

XX.

doce Emprego meu! Principe amado!
Do Ceo portantos votos concedido;
Hoje avulta ao prazer de dezejado
Maior o sentimento de perdido:
Ay que o teu esplendor vendo eclipsado
Meu amor desfalece ao mal rendido!
Com magoa sempre eterna, e diuturna
Com suspiros quebrar heide essa urna.

XXI.

Como as Ninfas do Tejo emudeceraõ ;
Emudeci, confeſſo, em ſeu lamento;
Meus olhos triſtes lagrimas verteraõ,
Naõ podendo ouvir mais, buſco eſte aſſento :
Pois Reino em que Padroens Luzos ergueraõ,
Moſtrar deve tambem ſeu ſentimento ;
Eſta morte no mar ſe ouça profundo,
Que he digna de chorar-ſe em todo o mundo.

XXII.

Ouvio Neptuno cheyo de triſteza ;
Mas ſuſpenſo entre ſi , muy prompto acode ;
Quem veſtido da humana natureza
Os ſegredos do Ceo penetrar pode !
Conheço ao mundo vir para firmeza
Deſſe Imperio, que eſtranha maõ ſacode ;
Mas ſe o Ceo proſperou ſua ventura,
Para que he tanta dor, tanta amargura ?

XXIII.

D'Iſai filho menor na Providencia ;
David Rey ſe erigio que os termos ſalta ;
Succede Salomaõ por complacencia
Do Pay , que ao maior deixa , e á eſte exalta ;
Affonſo á Pedro cede na regencia ,
D'outro Pedro Joſé reina na falta ;
Os ſegredos do Ceo ſaõ muy profundos
Para o ſceptro em chamar filhos ſegundos.

Com

XXIV.

Com tudo de Nereo prezada filha,
Teu justo parecer ao meu ajunto;
Da grande Elisia a rara maravilha,
Que Jacinto nos ais chora defunto:
Sirva, levando a nova toda a quilha,
Em todo o ambito meu de triste assumpto;
Principe se lamente tam Augusto
Do mais gelido clima ao mais adusto.

XXV.

Vós todos, que rendeis aqui tributo
Inspectores fieis do meu Thezouro;
Vós Ganges, vós Hydaspes neste lucto
Perolas derramai, lagrimas d'ouro:
Vós, que o nome tomais de Hircano bruto;
Vós Danubio, vós Rheno, Tybre, e Douro;
Voltai, vosso Paiz com ais ferindo;
Chore o Tejo, o Pará, o Zayre, o Indo.

XXVI.

Do throno nisto desce, e logo ordena
Que hum tumulo se erija sumptuozo;
Para eterno Padraõ da sua pena,
E dos seus Monumentos respeitozo:
Toda a salla se muda em triste scena;
Ruidos dava o pelago brumozo
E as Nereydas formozas, frios gelos;
As perolas arrancaõ dos cabellos.

XXVII.

De criſtal ſe fabrica com grande arte
O nobre Mauſoleo mais tranſparante
Que a clara Luz do Sol, quando reparte
Seus bellos raios mais reſplandecente:
Rodeado ſevé portoda a parte
Das belliſſimas Deozas do Tridente;
Com culto reverente a urna adoraõ,
Humas o roſto cobrem, outras choraõ.

XXVIII.

Eſcondeo-ſe Proteu mais que ſentido
No concavo meato d'um rochedo
Temerozo; por naõ ſer conſtrangido
A' declarar do fado eſte ſegredo:
Ali de grave dôr, de dôr ferido
Tudo eſtava em ſilencio, tudo quedo;
De quando em quando ſó, que mal ſe ouvia
Algum ai o ſilencio interrompia.

XXVIV.

Abſorto tambem no pezar, mudo
Neptuno eſtava ao pé do monumento;
Que he fineza da dor ao golpe agudo
No ſilencio oſtentar maior tormento:
Contra o tempo voraz, que gaſta tudo;
Que a memoria viveſſe; neſte intento,
Eſtes verſos, que amagoa lhe dictava,
Com a pena da dor nojaſpe grava.

EPI;

EPITAPHIUM.

Hanc quicũque vides, excelsi est Principis, (urnam;
Virtutum vitæ flore perivit amans.
Rex non esse venit, sed in alto regnat Olympo;
Siste gradum: vivos, si jacet, inter agit.

FIM.